

Guerreiros da Vida¹

Juliano CASTRO²

Aline DALMOLIN³

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Este trabalho relata, através de uma grande reportagem televisiva, as experiências vividas por pacientes que enfrentam o tratamento do câncer com a assistência dos familiares e de um projeto da Universidade Federal de Santa Maria. Com a utilização de recursos audiovisuais, a reportagem tem como foco o enfrentamento da doença na infância e adolescência. “Guerreiros da Vida” também relata qual é o sentimento de quem entrega a própria vida em favor de alguém diagnosticado com a enfermidade. O trabalho busca retratar a realidade de milhares de pessoas que, muitas vezes, sofrem assistidas pela ânsia de prolongar a vida lutando para alcançar a cura de um filho, por exemplo. Pretende mostrar, além disso, em uma grande reportagem, como o diagnóstico do câncer pode gerar diferentes reações pessoais e familiares durante o período de combate à doença.

PALAVRAS-CHAVE: criança; doença; câncer infantil; televisão; reportagem.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a produção de uma reportagem audiovisual referente à luta que milhares de pessoas enfrentam quando diagnosticadas com câncer. Essa questão é amplamente comentada, praticamente de conhecimento geral e tem seu espaço na mídia por meio de campanhas, filmes, debates e reportagens – muitas delas nacionais. No entanto, são poucas as reportagens abordando a diferença que circunda o fato de uma doença como o câncer ser diagnosticada em um paciente infantil ou adolescente, e o que tal descoberta ocasiona nas relações da estrutura familiar e nas perspectivas de futuro.

Nessa visão, o presente trabalho confere notabilidade ao projeto Turma do Ique criado em 2006 pelo serviço de Hematologia Oncologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que abriga pacientes oncológicos enquanto realizam exames no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). No local, encontram-se famílias que contam com a

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em Vídeo e Televisão.

² Aluno líder e estudante do 3º Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: comjulianocastro@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora dos Cursos de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: dalmoline@gmail.com

ajuda de voluntários, seja para ter um café da manhã ou para ser confortado com uma palavra de ânimo.

Estima-se, segundo o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), que devem ocorrer no Brasil, por ano, em 2016 e 2017, cerca de 12.500 novos casos de câncer em crianças e adolescentes – uma estatística bastante elevada e preocupante. Muito embora o tratamento possa ser realizado em sua totalidade de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS), existem inúmeros outros pontos que devem ser levados em conta, como o fato de não existirem unidades que forneçam os tratamentos em todos os municípios do Brasil, sendo assim muitas famílias precisam se deslocar para cidades adjacentes contando apenas com a fé e a esperança de um dia ter a saúde restaurada.

A cada momento, novas famílias recebem os resultados de exames que confirmam uma das piores expectativas de vida para um filho. Nesse sentido, a descoberta do câncer interrompe, em grande parte dos casos analisados, os projetos de vida e em decorrência do árduo tratamento, muitos têm que suprimir o concreto – como planos ou perspectivas, por exemplo, e viver momentos de incertezas e preocupações.

A partir das entrevistas realizadas em residências de pais que lutam contra o câncer de seus filhos, pode-se ser constatado que a estrutura familiar fica, em muitas áreas, abalada. Na maioria das situações a tarefa de tutelar o tratamento fica com a mãe, e nesses casos caberia ao pai o sustento. A mulher acaba, nesse sentido, abrindo mão de seu papel dentro do lar e, até mesmo, junto aos outros filhos para cuidar do adoentado. Além disso, em função da longa jornada de tratamento, muitos acabam deixando o emprego para que possam fornecer todo o tempo à busca pela cura.

Em um outro panorama, é de suma importância relatar que os casos são os mais diversos e encontram eco em uma variedade de condições familiares. Muitas crianças são cuidadas apenas pela mãe, outras apenas pelo pai e, em alguns casos, pelos avós. Nesse cenário, pode-se constatar que existe uma variedade de núcleos de assistência à criança enferma. Dessa maneira, cada uma das relações citadas tem a própria característica de demonstrar afeto, no entanto sejam elas quais forem ou pelas diversas situações que possam se apresentar, o compromisso de cuidado é imprescindível, pois quanto mais acolhido e protegido o paciente se sinta, maiores são as chances do tratamento ser o menos traumático possível.

Por outro lado, ao mesmo passo que as estruturas de assistência familiar à criança possam variar, um fator muito recorrente é o de que as famílias necessitam arcar com inúmeras despesas. O tratamento contra o câncer pode ser feito por meio do SUS, todavia, inevitavelmente, inúmeros gastos surgem com viagens, medicamentos, readaptação da estrutura física da casa, transporte e alimentação restrita. Podendo, nesse sentido, convergir para possíveis desequilíbrios na estrutura familiar em função das constantes preocupações, não obstante com preocupações aos cuidados da saúde do filho, também na questão financeira.

“Guerreiros da Vida”⁴ mostra a entrevista com uma Psicóloga e uma Médica de Hematologia Oncologia, ambas da UFSM. Na entrevista, as duas são incisivas ao afirmar a potencialidade da sobrecarregante carga emocional recebida em casos de pais que recebem o diagnóstico de câncer em seus filhos. Além disso, os depoimentos das profissionais também convergem no ponto de que para o futuro, a criança com câncer não cresceria abalada tendo em vista a conjuntura de que a mesma estaria recém no prelúdio da vida e não teria grandes projetos.

O tratamento em qualquer fase da vida é doloroso, porém existem diferenças marcantes no caso das crianças, a depender da forma com que os responsáveis tratam a questão. Muito embora haja a confirmação de que o câncer infantil é tão agressivo como o que acontece em outras faixas etárias, confirma-se também o fato, como já citado neste paper, que a criança enferma, a partir do momento em que recebe plenos cuidados dos pais ou responsáveis, é mais adaptável ao clima de tensão vivido na maioria das vezes por adultos durante o tratamento, haja vista o sentido de mundo e bagagem de experiências vividas por quem ainda está na infância. Ademais, também pelo fato de quanto mais próxima dos responsáveis pelo tratamento, mais a criança se sentiria acolhida e protegida durante o período. Sendo assim, o paciente não depositaria uma forte carga de sentimentos, nem na doença, nem no futuro.

A reportagem é feita a partir do formato de conteúdo para televisão em função do papel social e de transportador de significados que o meio possuiu. Dessa maneira, o material tem como campo semântico o fato de como a família encara o diagnóstico e onde encontra força em meio ao desequilíbrio emocional e à tribulação de estruturas.

⁴ Versão em baixa resolução foi submetida junto com este paper. Para visualizar e fazer download do vídeo em melhor qualidade, acesse em alta definição: https://www.youtube.com/watch?v=4y_OYsAGR88 ou em média definição neste outro provedor: <https://www.vimeo.com/comjulianocastro/guerreirosdavid>

2 OBJETIVO

A reportagem tem com objetivo retratar a rotina inquietante de famílias que possuem casos de pacientes com câncer dentro de casa, revelar, além disso, como lidam o diagnóstico e onde encontram forças para acreditar na cura de uma doença que é a maior causa de mortes de crianças e adolescentes.

A proposta de produzir uma reportagem audiovisual para a televisão é mostrar dentro de um meio de comunicação que alcança a maior parte da população, a partir de um viés repleto de significados reflexivos e questões pontuais sobre um tema tão delicado.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Retratar como é a rotina de uma família que luta contra o câncer;
- Desmistificar a questão de que a descoberta do câncer deve ser motivo para desespero;
- Relatar como é o tratamento contra o câncer em crianças e adolescentes;
- Observar questões que envolvem a desestruturação familiar em função do adoecimento;
- Entender como a estrutura familiar se articula para dar sequência ao tratamento;
- Mostrar quais são as condições de vida de um paciente que enfrenta o câncer;
- Apontar casos de pessoas que superaram a enfermidade;
- Averiguar como os projetos de solidariedade às famílias com membros doentes podem ser úteis para o tratamento;
- Entender de onde os pacientes obtêm força para pensar com confiança;
- Apurar a questão do tratamento no SUS tendo como foco o impacto da distância dos locais de consulta e procedimentos da cidade de origem;
- Abordar na televisão de que forma a descoberta de uma doença pode abrir um leque de novas expectativas de vida.

3 JUSTIFICATIVA

Durante a reportagem, os entrevistados tratam o fato da doença com um momento de desafio e de adaptações, não como um caminho direto para a perda da vida, como é

muitas vezes observado. Dessa maneira, a reportagem tem como base a abordagem de um lado repleto de sentidos e propostas de intervenção para superar o momento difícil.

Nessa visão, mostra tanto nos textos em off, quanto nas sonoras dos entrevistados pontos positivos e dicas de como transpor a situação. Tudo isso para tornar o tema pesado em um conteúdo que possa transformar atitudes.

Tal preocupação em compor a reportagem com tons de esperança e de que a doença não é um caminho para a morte é, justamente, a de redigir de forma tal qual constatei nos depoimentos dos entrevistados – pessoas repletas de uma vontade imensurável de viver. Além disso, mostrar que é possível em qualquer assunto mediatizado trazer uma mensagem onde o social prevaleça em detrimento de qualquer outro interesse. Ou seja, a reportagem permite que o telespectador perceba a possibilidade de superar obstáculos, tidos por convenção como fatais, com esperança e bom humor.

(...) a ênfase está na enunciação que assim se formula como foco para poder saber, mostrar e dizer. Ou seja, a realidade da *construção*. São tais relações transversais e relacionais que tornam a midiatização, uma prática social – prática de sentido e que tem nas suas operações algumas possibilidades de suas inteligibilidades. (FAUSTO NETO, 2006, p. 14).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A produção da reportagem “Guerreiros da Vida” começa com a solicitação de um material audiovisual pela Professora orientadora deste trabalho e da disciplina de Produção em Audiovisual do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFSM. Com tema livre, os alunos deveriam, cada um com seu tema e materiais, produzir um conteúdo audiovisual.

Nesse sentido, a liberdade de escolha não só do tema, mas também do formato, possibilitou que o tom do conteúdo pudesse ser adquirido à medida em que os entrevistados iam a pontuando com os depoimentos. Muito embora a reportagem seja composta por textos em off, sonoras e passagem – formato padrão no telejornalismo – o aspecto previamente moldado e observado em que o repórter dita os acontecimentos é mais tênue em função do fato de os próprios entrevistados, a partir de um estudo do roteiro, conseguirem pontuar e tonalizar a história por meio dos depoimentos deles.

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, Felipe, 2006, p. 13).

Por outro lado, a produção também recebe o rígido cuidado que o texto de uma reportagem para a televisão carece, neste caso é redigido tanto em forma coloquial, quanto também ilustrado em um tom literário, pois “o texto do telejornal tem uma estrutura de movimento, instantaneidade, testemunhalidade, invisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade” (BARBEIRO 2002, p.95). Com o cuidado imprescindível para que se possa expandir do já massivamente assistido, dos mesmos formatos e estilos comumente acompanhados e, imprescindivelmente, com a mesma imparcialidade, seriedade e responsabilidade que qualquer profissional deve ter em escrever um texto informativo. Sendo assim, com a liberdade de tentar chegar o mais próximo do telespectador em função da linguagem coloquial e criativa sem qualquer exagero, apenas com o intuito de romper com o usual.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

5.1 Pré-produção

Deu-se início a primeira etapa com a mentalização de como o material poderia ser capturado, produzido, roteirizado e editado. Após calculadas tais possibilidades, foram cerca de duas semanas em contato com a direção da Turma do Ique para que me autorizassem a, de alguma forma, interferir nos trabalhos normais do projeto para conseguir possíveis pacientes que pudessem contar as histórias de vida e um pouco do cotidiano deles. À medida em que as datas de gravações foram marcadas, aprofundei-me no tema com foco nas relações da criança e do adolescente diagnosticados com câncer, procurando em livros, filmes e reportagens. Um trabalho minucioso de apuração sobre os casos e pesquisas a respeito do tema que demandam tempo, porém “complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo” (LAGE, 2001, p.134).

5.2 Produção

Em um panorama geral, foram previamente agendadas duas datas para que as entrevistas com os familiares fossem realizadas, além de conversas anteriores com diretores, administradores e médicos da Turma do Ique para explicar a proposta das gravações. Também foram marcadas entrevistas com doutores das áreas de Hematologia Oncologia, além de Psicologia para que pudessem explicar para o telespectador, em face dos estudos deles, as questões que envolvem a doença.

É válido ressaltar que não foram feitos agendamentos prévios com os familiares, apenas com a direção do projeto. Dessa maneira, o trabalho seria encontrar quem se dispusesse relatar o depoimento sobre a própria rotina nos dias agendados, além disso, dentre as pessoas entrevistadas, encontrar pais que participassem do projeto ou estivesse com o filho internado no HUSM para que aceitassem nos mostrar um pouco da realidade dentro da residência deles.

Um trabalho que requer muito cuidado na hora da abordagem, já que ela é feita aleatoriamente, haja vista a temática e o desconhecimento do repórter sobre a gravidade do possível caso que encontrou. No entanto, quando a linha de abordagem foi definida estava clara a situação de que “com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia” (KOTSCHO, 1989, p.12). O que possibilitou, provavelmente, mesmo com um tempo a mais de conversa prévia e negociações antes das entrevistas, depoimentos mais naturais, sem possíveis seleções do que falar por parte dos entrevistados. Sem dúvidas, mais chances de receber uma negativa, mas também quando o entrevistado aceita é notável uma fala mais autêntica.

Definiu-se neste estágio que todo o material seria capturado em alta definição, os locais de gravação, que grande parte das entrevistas seriam feitas em primeiro plano, que o áudio seria captado por um microfone de lapela e que as imagens de apoio iriam dar, preferencialmente, destaque a detalhes, justamente para evitar qualquer exposição demasiada dos pacientes.

5.3 Gravações

Neste quesito as gravações aconteceram em dias e turnos distintos seguindo o plano de produção. Além disso, também seguiu nesta fase para os locais previstos de locação que seriam: o prédio do projeto, o HUSM, prédio do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) da UFSM e a cidade de São Pedro do Sul, local da casa de uma mãe que aceitou a gravação da rotina dela dentro da própria residência.

5.4 Roteiro

Se todos os vídeos das entrevistas fossem colocados em um mesmo arquivo, ao todo, seriam mais de 8 horas de duração. No entanto o trabalho de decupagem do material chega como uma forma de selecionar tudo que de melhor forma pode representar o sentido da reportagem previamente definido na fase de pré-produção e perceber, a partir das

marcações, como os trechos se interligam e soam ao tom do esperado, já que “além de preparar um roteiro (elaborando idéias com cuidado) e achar o tom, é preciso conhecer a angulação” (VILAS BOAS, 1996, p.14).

5.5 Edição e Finalização

Em coro com os conhecimentos adquiridos na disciplina de Produção em Audiovisual, pode-se compreender que a edição de vídeo possui papel fundamental em todo o processo estruturador da reportagem. É nesta fase que todo o material ganha forma e, muito embora o roteiro tenha aberto o caminho para a edição, é aqui que se percebem diversos pontos que podem ser alterados para melhor fluidez do conteúdo para a compreensão do telespectador. Enquanto editava a matéria, conseguia, nitidamente, perceber certos aspectos que enquanto redigia o roteiro não pude observar. E, por fim, a supervisão da Professora orientadora do trabalho com comentários e sugestões amplas ou singulares a respeito da edição e finalização. Observando assim que as chances de um projeto de uma reportagem se concretizar são grandes, sempre que estiver bem planejada e articulada, bem como com o material escolhido de forma correta, já que “a obrigação de selecionar ressalta a importância do planejamento da edição” (LAGE, 2004, p. 29).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reportagem que envolve muitos sentimentos e faz refletir sobre como de fato encaramos os desafios recebidos, possibilitou-me realizar um dos principais objetivos de estudar comunicação: que é transformar. Nesse sentido, dentro da matéria, conseguimos transformar a angústia que cerca uma família nessas situações em um motivo de se abrir ao mundo e ser gravado – tarefa bastante atípica para muitos deles – com o objetivo de dividir o que passam com pessoas que, por ventura, possam enfrentar tribulações iguais ou semelhantes. Sendo assim, o fato de relatar um trecho de como essas pessoas se articulam para superar os desafios impostos a eles denota, de forma veemente, que uma adversidade pode ser superada com a esperança e a fé que os cercam.

Tristeza e alegria. Estes sentimentos se alternam nos trabalhos de cobertura, e não há como o repórter ficar insensível – nem deve. Afinal, ele é antes de mais nada um ser humano igual aos leitores, e precisa transmitir não só as informações mas também as emoções que está cobrindo. Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do

repórter, e ele terá de dosá-las na medida certa em cada matéria.
(KOTSCHO, 2003, p. 32).

A reportagem pode trazer uma reflexão muito particular sobre como o telespectador lida com os obstáculos que a vida o impõe – muitas vezes barreiras bem mais fáceis de serem contornadas do que o tema aqui tratado. Mesmo como temática uma questão delicada, a reportagem mostra que é possível esperar o melhor, ainda que seja em um dos momentos mais dolorosos que podem ser enfrentados por uma família e, além de tudo isso, ainda dar um exemplo relevante e admirável de respeito e valor à vida em função da coragem que possuem e da vontade que empregam na busca pela cura. Enquanto há vida, para eles, há esperança e não existe o que os faça pensar o oposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto, LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAUSTO NETO, A. **Midiatização, prática social – prática de sentido**. In: Encontro da Rede ProSul – Comunicação, Sociedade e Sentido. *Anais...* PPGC da Unisinos, São Leopoldo, dez. 2005 / jan. 2006.

KOTSCH, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

VILAS BOAS, Sérgio. **Estilo Magazine – O Texto em Revista**. São Paulo: Summus, 1996, pág. 43.